



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE BELAS ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS**

LUIS RODOLFO AGUILAR GÓMEZ

**APROPRIAÇÃO IDENTITÁRIA DA COR
NA CULTURA BAIANA**

**Salvador
2008**

LUIS RODOLFO AGUILAR GÓMEZ

**APROPRIAÇÃO IDENTITÁRIA DA COR
NA CULTURA BAIANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Artes. Linha de Pesquisa em Processos Criativos em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria das Graças
Moreira Ramos

Salvador
2008

TERMO DE APROVAÇÃO

LUIS RODOLFO AGUILAR GÓMEZ

**APROPRIAÇÃO IDENTITÁRIA DA COR
NA CULTURA BAIANA**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria das Graças Moreira Ramos

Prof. Juarez Paraiso

Profa. Rosalice França

Salvador, 6 de março de 2009

À memória dos meus pais, pessoas maravilhosas, que me deram a oportunidade de ser quem sou, me indicando o caminho do bem, quero dedicar mais essa vitória.

AGRADECIMENTOS

A Deus, mestre dos mestres, responsável por me fazer crer que o impossível é quase sempre aquilo que nunca foi tentado.

A minha Babá Clara e meus irmãos Francisco e Azucena, pelo carinho e apoio nos momentos decisivos.

À minha orientadora Graça Ramos, por compartilhar seus conhecimentos de forma tão incondicional durante a trajetória do mestrado.

Aos professores Juarez Paraiso e Rosalice França, por seus conselhos sempre apropriados e pela disponibilidade em fazer parte desta banca.

Às professoras Viga Gordilho e Maria Hermínia Hernandez, pelo apoio e por terem representado uma luz nos momentos mais difíceis.

À minha mãe brasileira Maria Taciana Costa Pinto de Almeida e toda sua família (Gilvan, Ana, Tarcisio), sem seu apoio, força e generosidade, eu não teria conseguido realizar esse sonho.

Aos colegas de curso Gabriel Lopes Pontes, Fabio Gatti, Luiz Claudio Campos, Henrique Barreto, Devarnier Almeida, Benedito Santana e principalmente a Ledna Barbeitos pela demonstração de amizade e companheirismo, na medida em que fomos tripulantes da mesma nave.

A Jani Sault pela torcida e apoio importantíssimo para o desenvolvimento desta pesquisa.

*Navegar é preciso; viver não é preciso
Viver não é necessário;
O que é necessário é criar.
Não conto gozar a minha vida;
Nem em gozá-la penso;
Só quero torná-la grande, ainda que para isso
tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha desse fogo.
Só quero torná-la de toda a humanidade
[...] É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa raça.*

Fernando Pessoa (1913)

RESUMO

Este estudo retrata a importância da apropriação identitária da cor na cultura baiana, enfocando suas variáveis, ou seja, a luz que incide sobre a cidade, o povo e consequentemente a arte como personagens desse contexto. Tais elementos quando reunidos formam um cenário popular e histórico, capaz de transmitir uma visão muito peculiar de identidade que impressiona ao visitante, principalmente se este é um artista com sensibilidade capaz de captar e entender esse valor poético e sua dimensão. O objetivo, é analisar a cor na identidade cultural de Salvador, buscando demonstrar sua importância como meio de expressão. Assim, foram estudados conteúdos sobre a teoria das cores e a percepção de suas propriedades psicológicas. O estudo desenvolve também uma reflexão sobre questões como, memória, herança ancestral, lugar identidade, lugar e cultura, distúrbios identitários, cultura identidade e identidade africana em Salvador, a partir de elementos base que fundamentam o estudo. Descreve ainda os antecedentes artísticos pessoais do autor e sua trajetória durante o desenvolvimento da pesquisa para o mestrado, relatando o processo de apropriação identitária da cor que ocorreu perante sua presença em território baiano.

Palavras-Chave: Cor; Identidade; Identidade Africana; Apropriação Identitária.

RESUMEN

Este estudio retrata la importancia de apropiarse, a través del color, de la identidad baiana, enfocando sus variables, tales como la luz que incide sobre la ciudad, su pueblo, y en consecuencia del arte como personajes en dicho contexto. Estos elementos al reunirse forman un escenario popular e histórico, capaz de transmitir una muy peculiar visión de identidad, la cual impresiona al visitante, principalmente si este es un artista con una sensibilidad capaz de captar y entender este valor poético y su dimensión. El objetivo es analizar el color en la identidad cultural de Salvador de Bahía, buscando demostrar su importancia como medio de expresión. Así, fueron estudiados elementos sobre la teoría del color y la percepción de sus propiedades psicológicas. Desenvuelve una reflexión sobre aspectos como memoria, herencia ancestral, lugar e identidad, lugar y cultura, cultura e identidad, e identidad africana en Salvador, en la medida en que, esos elementos son la base que fundamenta dicho estudio. Se describen también los antecedentes artísticos y personales del autor, así como su trayectoria durante el desarrollo del proyecto de maestría, relatando el proceso de apropiación de una identidad del color que comenzó con la llegada a territorio Baiano y fue aumentando con la permanencia y convivencia con la población y por el contacto e interacción con el paisaje circundante.

Palabras Clave: Color; Identidad; Identidad Africana; Apropiación de identidad.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Decomposição da luz no prisma, Isaac Newton, 1672	15
Figura 2: Experiência, Isaac Newton, 1672 ..	16
Figura 3: Farbenlehre (Doutrina das Cores).....	17
Figura 4: Impressão, nascer do sol, Claude Monet, 1872..	18
Figura 5: Estudo de Cores, Paul Klee, 1934	19
Figura 6: Estudo de Cor: quadrados com círculos concêntricos, Vassily Kandinsky, 1934	20
Figura 7: <i>Interactions of Color</i> , Josef Albers, 1963	20
Figura 8: Olho Humano	22
Figura 9: Cores Luz	24
Figura 10: Cores Pigmento	25
Figura 11: Cores Pigmento Transparentes	26
Figura 12: Cores Primárias e Secundárias	26
Figura 13: Cafe de Nuit, Vincent Van Gogh	28
Figura 14: Mapa de cores	29
Figura 15: The Bedroom in Arles, Saint Remy por Van Gogh, 1889	32
Figura 16: <i>A Vida, 1903 (fase azul)</i>	33
Figura 17: A família de Saltimbancos – Picasso, 1905 (fase rosa)	33
Figura 18: Moscovo I, Kandinsky, 1916, óleo s/tela	34
Figura 19: Psicodinâmica das cores	36
Figuras 20, 21,22: Oxalá, Oxossi, Ogum	39
Figuras 23, 24, 25 – Omolu,Xangô, Exu	39
Figura: 26, 27, 28 - Iansã, Oxum, Yemanjá	40
Figura: 29 - Tarsila do Amaral, Operários, 1933.....	45
Figura 30: “Nave nave moe” (1894), Paul Gauguin	47
Figuras31, 32:Máscara da tribo Bakota - <i>As demoiselles de Avignon</i> ,1907	48
Figura 33: Cavalos vermelho e azul, de Franz Marc, 1912.....	49
Figura 34: Paisaje de la Urbe, Carlos Mérida	51
Figura 35: Jean-Michel Basquiat (Nova Iorque 1960 — 1988)	51
Figura 36: O Índio, Graça Ramos, 2000.....	52
Figura 37: Mascara Inca	57
Figura 38: Penacho do Pará, Povo Kaiapó – Xicrim, Pará, Brasil.....	58
Figura 39: Penacho de Moctezuma, Século XVI,(arte mexicana)	58
Figuras 40, 41: Foto do Povo de Benin - Nigéria e Baianas de Acarajé	60
Figura 42: A Mulata Grande III – Carybé,1980	62
Figura 43: Esculturas de Mestre Didi, 2006.....	62
Figura 44: Emblema, Rubem Valentim, serigrafia – 1989	64
Figura 45: Mural na área interna do Hospital Aliança	65
Figura 46: Mangas e Ana, Graça Ramos, 2007.....	66
Figura 47: Mural na Galeria Popular Consultec, Graça Ramos, 2001.....	67
Figura 48: S/Título, Justino Marinho, 2007.....	68
Figura 49: Faixa Emblemática, Cesar Romero, 2006	69
Figura 50: Série Signos, 2006	70
Figura 51: A Família enferma (1920) Paisagem Brasileira (1925).....	74
Figura 52: Ladeira de Santa Efigênia, Guignard, 1947.....	74
Figura 53: Sentimientos Encontrados, 2000. Técnica: Mista.....	77

Figura 54: <i>La Promesa</i> , 2002.....	78
Figura 55: <i>Polos Opuestos</i> , 2002.....	79
Figura 56: <i>Otoño Azul</i> , 2004	79
Figura 57: <i>Los Amantes</i> , 2002.....	79
Figuras: 58, 59: <i>Série Angeles Decaídos</i> , 2006.....	80
Figura 60: Vista área de Salvador	81
Figura 61: <i>Moça Flor apaixonada</i>	82
Figura 62: <i>Cadeira de Vincent com Cachimbo</i> , Vincent Van Gogh, (1888).....	83
Figura 63: <i>A Cadeira de Gauguin - Arles – 1888</i>	84
Figura 64: <i>La liberación del principe colibri</i>	85
Figura 65: <i>El vuelo del pájaro</i>	86
Figura 66: <i>La liberación del principe colibri</i>	87
Figura 67: <i>As Baianas do Acarajé</i>	88
Figura 68: <i>Moça Descansando</i>	89
Figuras 69, 70, 71: <i>As Baianas Contemplativas</i>	90
Figura 72: <i>O beijo baiano</i>	91
Figura 73: <i>O Casal do Sertão</i>	92
Figuras: 74, 75 “ <i>sem titulo</i> ”	93
Figuras 76, 77: <i>Série Angeles Decaídos</i> , 2008	94
Figura 78: <i>A Cadeira</i>	95
Figura 79: <i>A Tarde na Bahia</i>	96
Figura 80: Fluxograma com trajetória sistematizada pelo artista Laguilá.....	97

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	14
PERCEÇÃO DAS CORES	14
1.1 TEORIA DAS CORES.....	14
1.2 CARACTERÍSTICAS DAS CORES.....	21
1.3 CLASSIFICAÇÃO DAS CORES.....	26
1.4 PROPRIEDADES PSICOLÓGICAS DA COR	30
1.4.1 Efeitos Psicológicos das Cores	35
CAPÍTULO 2	41
QUESTÃO IDENTITÁRIA/REFLEXÃO SOBRE OS PROCESSOS CULTURAIS ...	41
2.1. IDENTIDADE/AUTO CONCEITO	41
2.2. DISTÚRBIOS IDENTITÁRIOS	44
CAPÍTULO 3	54
IDENTIDADE CULTURAL	54
3.1 IDENTIDADE INDÍGENA.....	54
3.2 IDENTIDADE AFRICANA/SALVADOR.....	59
CAPÍTULO 4	72
APROPRIAÇÃO IDENTITÁRIA DA COR.....	72
4.1 ANTECEDENTES ARTÍSTICOS PESSOAIS	75
4.2 APROPRIAÇÃO IDENTITÁRIA.....	81
CONCLUSÃO	98
REFERÊNCIAS.....	100

INTRODUÇÃO

Nas suas andanças pelo mundo, esse pesquisador e artista plástico oriundo da Guatemala, ao visitar Salvador capital do estado da Bahia, sentiu um convite à reflexão. Transitar pelo Centro Histórico, Praça Municipal, Igreja do São Francisco, Pelourinho, Largo do Carmo, foi como uma volta ao passado não muito distante. Andar pelas ruas, descobrindo mistérios, as praias, Em cada esquina, um cheiro. Salvador tem cheiro, cheiro de dendê e de acarajé. Salvador tem som, som de atabaques, trio elétrico, berimbau. A cidade tem vida própria e pode ser considerada uma personagem, que transmite a alegria e ginga de um povo mestiço, festivo e acolhedor.

Entretanto, em todo esse cenário o que causou maior impacto a esse artista visitante, foi a visão da luz que banha a Bahia de Todos os Santos, que extrapola ao elemento humano. As cores e seus desdobramentos em múltiplos espectros incidem e marcam o contorno da paisagem, formando um espetáculo vibrante e suave, vivenciado como música que inspira enquanto produto de mutação cultural. No olhar do artista, a luz, o reflexo, o movimento das pessoas e carros fazem dessa urbe, algo especialmente poético.

Na dissertação *As cores do Bonfim*, (2003, p.27), a Doutora Rosa Alice França descreve a beleza da cidade de Salvador comentando:

[...] sobretudo pelo local que ocupa: instalada numa baía, que se estende entre o Bonfim e o cabo de Santo Antônio, ao fundo do qual aparece a cidade edificada, em anfiteatro; uma Cidade Baixa, sobre a planície estreita em um sítio apertado entre a encosta e o mar, quase toda construída pelo homem durante os quase cinco séculos de sua evolução urbana; a Cidade Alta, assentada sobre colinas e vales; e separando estes dois elementos, a escarpa.

Sabe-se que a Guatemala também é um país tropical, a luz é forte, a cultura tem forte tendência para muitas cores nas vestimentas, principalmente nas regiões litorânea, onde a policromia predomina em cores quentes, talvez, pela mistura racial entre os povos mexicanos e guatemaltecos. Porém essa tendência

não atinge o campo das Artes Visuais e nas grandes cidades o que predomina é a influência da ancestralidade européia - espanhola com tons neutros. Assim, nada se compara com a realidade baiana, onde a luz forte e brilhante ao sol encandeia os olhos, determinando cores esfuziantes na natureza e nas coisas.

Segundo Israel Pedrosa, autor do livro, *Da Cor à Cor Inexistente* (1977, p.39) “a influência da cor no viver popular revela-se, [...], mesmo não definindo satisfatoriamente, a cor desejada, possui grande poder evocativo ou sabor local, dando colorido à narrativa oral e às literárias regionais”.

Como cidade emblemática, Salvador também pode ser descrita numa imagem criada a partir das atitudes dos cidadãos que a compõe, e que formam sua identidade. Olivieri (2008, p.99) argumenta que “a cidade é, portanto, um objeto de expressão e de linguagem, estando sua imagem constituída de elementos simbólicos”. A simbologia em Salvador remete à africanidade pela qualidade do seu elemento humano. Estudos antropológicos identificam, segundo Olivieri (208, p.100) “príncipes, chefes religiosos e artífices” como a grande maioria que veio como prisioneiros de guerra e embora injustiçados, manteve seu orgulho intacto, preservando seus conhecimentos, suas cores e toda a iconografia que identifica sua religiosidade e modo de ser. São esses elementos que identificam a cidade de Salvador como emblematicamente negra.

Valorizar e plasmar as cores observadas na arte baiana e seus signos representativos passou a ser uma meta, quase uma obsessão, como a observada em Carybé, Juarez Paraíso e Graça Ramos, entre outros artistas baianos. A arte dali extraída dá origem a tons etnologicamente múltiplos, caracteristicamente emblemáticos, que transforma e transfigura a percepção e composição pictórica. Uma arte diferenciada por sua originalidade, na medida em que toda produção artística é um reflexo do meio ambiente que a produz.

Apoiado nessa percepção e em estudos teórico/práticos de diferentes fundamentações da cor e seus significados, esse artista foi se envolvendo nessa cultura de forma apaixonada.

Assim, foi necessário investigar como problemática:

- As cores que predominam no vocabulário visual dos artistas baianos são significativas de apropriação da cultura africana?

Movido por essa necessidade e na busca por novas possibilidades, o artista vindo da Guatemala investiu num processo de experimentação de um ambiente desconhecido, baseado no argumento de que, os elementos que constituem um processo de investigação, geralmente se entrelaçam em fluxos que se assemelham a uma viagem com variáveis, vertentes e universos próprios que necessitam ser desvendados, descobertos e entendidos.

Nesse sentido, essa pesquisa tem como objetivo geral o estudo da cor, na identidade cultural de Salvador, buscando demonstrar sua importância como meio de expressão. O sentido é criar uma iconografia própria e singular, que valorize as influências cromáticas impressionistas, expressionistas, fovistas e cubistas, conduzindo a obra desse artista pesquisador a expressar-se utilizando o rico imaginário popular encontrado nessa cidade vinculado a tais movimentos e correntes artísticas.

Nesse contexto, o conteúdo foi estruturado em cinco capítulos. O primeiro analisa a percepção das cores e sua psicologia. O segundo aborda sobre a questão identitária, estabelecendo uma reflexão sobre os processos culturais contemporâneos. O terceiro capítulo analisa a identidade cultural latino-americana-indígena e a identidade africana em Salvador. O quarto capítulo discorre sobre a apropriação identitária da cor e a trajetória do artista durante o desenvolvimento do mestrado em Artes Visuais. A partir da compreensão de todo o conteúdo, foram descritas as conclusões numa análise detalhada de todo o contexto.

CAPÍTULO 1

PERCEPÇÃO DAS CORES

Pensando a respeito da arte e da ilusão que a mistura de cores pode imprimir a uma obra visual é importante compreender o modo pelo qual pintores aprenderam a usar esses princípios para alcançar efeitos, ressaltando-se a subjetividade da percepção. Assim, enquanto se planeja trabalhar de forma contemporânea com alguns aspectos da cor na cultura baiana, é necessário conhecer como os mestres organizaram e interpretaram os impulsos visuais.

1.1 TEORIA DAS CORES

A história da cor poderia constituir um dos maiores capítulos da história das civilizações, podendo ser encontradas em suas páginas relatos sobre pesquisas realizadas por Pitágoras, Platão e Aristóteles, que demonstram seu caráter subjetivo. Nesta época, foram também atribuídos poderes fantásticos a elas envolvendo os mistérios da medicina e alquimia, na cura de doenças e experiências milagrosas.

Desde que surgiu sobre a face da terra, o homem vê cores. Todos olham as cores de maneira quase idêntica, porém, “sentem-nas” de formas diferentes. Se o mecanismo da visão, através dos distintos comprimentos de ondas, capta as imagens coloridas, são, entretanto, o cérebro e a mente que as “interpretam”, comunicando-lhes seu significado emocional. Em consequência, a cor assume uma importância extraordinária dentro de nossa atividade psicodinâmica, passando a simbolizar, na maioria das vezes, o extenso carrossel de sentimentos humanos, com seus prazeres ansiedades alegrias e depressões (GOLDMAN, 1964, p.17).

Porém, até o renascimento o que existia eram tradições passadas de mestres de ofício para aprendizes, sem nenhuma base científica. O arquiteto, poeta, matemático e pintor Leon Battista Alberti (1404-1472), com seus tratados, tornou-se o primeiro teórico das artes do renascimento a estudar a cor, definindo o azul, verde e o vermelho como as cores fundamentais que dão origem a todas as outras. Alguns

séculos depois, a tríade de Alberti seria consagrada pela física moderna, só que, para reverenciar o princípio dos quatro elementos da natureza. Alberti incluiu o cinza (mistura do branco com preto), que a rigor não é cor, para completar o quarteto: vermelho (cor de fogo); verde (da água); azul (do ar) e o cinza (da terra).

Paralelamente Leonardo da Vinci (1452-1519), criou um modelo teórico das cores, que tratava da fisiologia da visão humana, de estudos sobre química e física, porém destinados a pintores, abordando sobre a cor como pigmento. No modelo de Leonardo existiam 3 cores básicas: vermelho vivo, azul violeta, verde esmeralda, amarelo. “Chamo cores simples aquelas que não podem ser feitas pela mescla de outras cores [...]”. No objetivo de explicar e organizar seu ofício, Leonardo organizou apontamentos, somente compilados e revistos em 1704 porque durante muito tempo qualquer estudo científico era interpretado como violentos atentados de feitiçaria (PEDROSA, 1977).

Em 1704 foi publicado o “Tratado sobre a reflexão, refração e as cores da luz” com as pesquisas de Isaac Newton (1643-1727), que consistiram na descoberta e experiências nas quais observou que através de um conjunto de lentes que recebia um foco de luz branca, a luz se dividia em diversos feixes coloridos (com as cores do Arco-iris) (Figura 1).

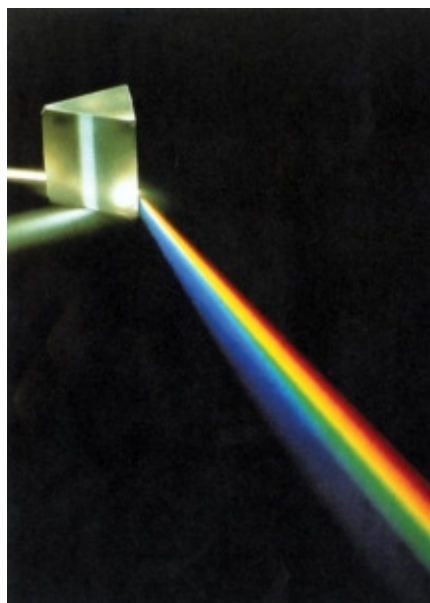


Figura 1: Decomposição da luz no prisma, Isaac Newton, 1672
Fonte: Imagens do Google.

A percepção da cor ocorre quando a luz branca atravessa um prisma, num fenômeno conhecido como dispersão da luz e os diversos comprimentos de ondas mostram as cores primárias e secundárias. Na visão de Newton ao rotacionar em velocidades variáveis, as cores se comporiam até formar o branco puro (Figura 2).



Figura 2: Experiência, Isaac Newton, 1672
Fonte: Imagens do Google.

Ele experimentou colocar no outro lado do prisma, outro conjunto de lentes, montado da forma inversa. Com isso, obteve o mesmo foco de luz branca. Newton comprovou através de suas experiências, que pode-se gerar diversas cores físicas (luz) a partir de 3 cores primárias: o Vermelho, o Verde e o Azul (PEDROSA, 1977).

Neste mesmo século, Goethe, gênio da literatura alemã, conseguiu difundir sua *Teoria das Cores* (1749-1832), vencendo as barreiras da época ao produzir um dos mais importantes estudos científicos sobre o assunto, a **Farbenlehre** (Doutrina das Cores, Figura 3). Nessa obra, ele procurou democratizar o estudo do assunto, tornando mais acessível sua linguagem, compreensão e desdobramentos em diversas áreas do conhecimento. Sua teoria foi fonte de inspiração para muitos intelectuais, pela coerência, tratamento e análise da cor. Na

fundamentação da teoria da cor de Goethe, o elemento original e determinante é sua fundamentação fisiológica, ao considerar a cor como um fenômeno elementar para o sentido da visão. A abordagem desse fenômeno, das associações psicológicas da percepção e as qualidades estéticas das cores tornaram-se a partir de Goethe, tarefa mais fácil de ser assimilada (GOLDMAN, 1964, p.17).

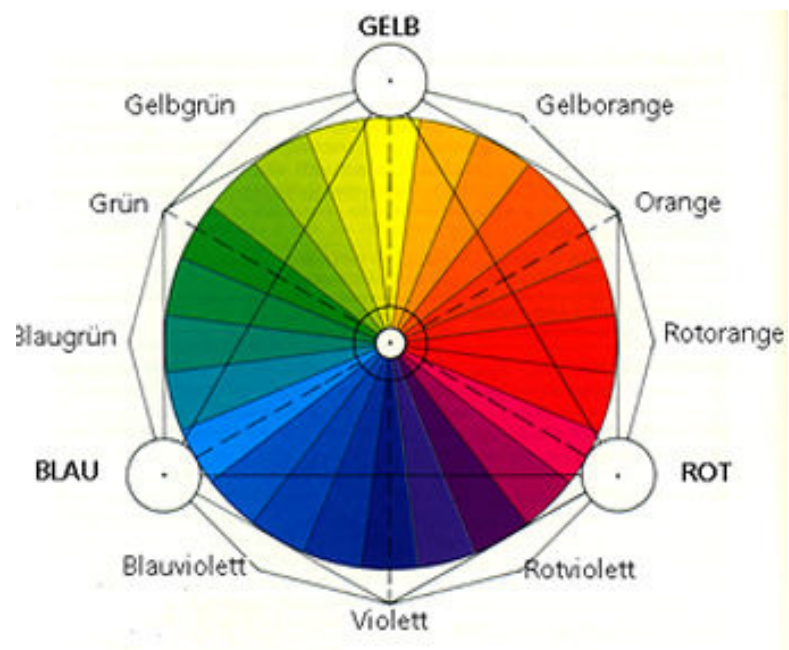


Figura 3: Farbenlehre (Doutrina das Cores).
Fonte: Imagens do Google

Durante os séculos XVIII-XIX vários estudiosos elaboraram teses sobre a fisiologia do sentido da visão, da percepção do espaço e das cores, com destaque para Ewald Hering, fisiologista alemão (1834-1918). Entretanto, o estudo da cor como ciência é um campo considerado relativamente novo.

Somente no ano de 1942 a classificação das cores do pintor norte americano Albert Munsell (1858-1918) foi adotada oficialmente pelos Estados Unidos da América apesar de ter sido criada em 1912. Essa classificação foi adotada como guia para o melhor entendimento desta pesquisa, porque é simples, prática e flexível, contendo uma comparação visual e objetiva que vai além das

características quantitativas e qualitativas. Munsell criou um sistema de padrões a partir da combinação de três variáveis: matiz, claridade e saturação. Esse sistema procura solucionar o problema de identificação das cores, muitas vezes descritas de forma vaga em outros estudos. Atribui valores numéricos à presença de cada uma das variáveis numa determinada cor (PEDROSA, 1977).

No âmbito da arte pós-Leonardo da Vinci, surge na pintura européia do século XIX o **Impressionismo**, movimento artístico que valoriza a pesquisa sobre a óptica e seus efeitos ópticos. A luz e o movimento encontrados nas telas impressionistas são conseguidas através de pinceladas soltas, onde o contraste entre vários tons formam a imagem de acordo com a lei das cores complementares. Assim, um amarelo próximo a um violeta produz um efeito mais real do que um claro-escuro muito utilizado pelos academicistas no passado. No impressionismo o pintor deixa o atelier e vai trabalhar ao ar livre. Um mesmo objeto é retratado em vários horários diferentes para melhor capturar as nuances da natureza. O nome do movimento é derivado da obra **Impressão, nascer do sol** (1872), de Claude Monet (GOLDMAN, 1964, p.19) (Figura 4).

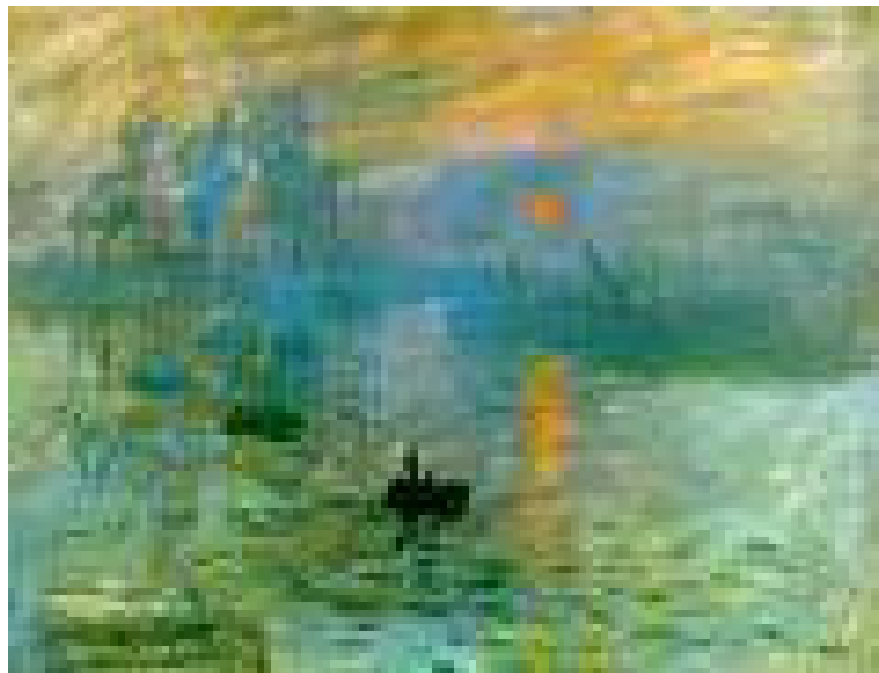


Figura 4: Impressão, nascer do sol, Claude Monet, (1872)
Fonte: Imagens do Google

Os estudos sobre a teoria das cores como fenômeno também foram abordados pela Escola Bauhaus (1919-1933), onde o assunto foi associado ao desenvolvimento da importância da forma e funcionalidade. A Bauhaus foi fundada pelo arquiteto alemão Walter Gropius (1883-1969) e surgiu como resultado da fusão da Academia de Belas Artes de Weimar, com a Escola de Artes e Ofícios, que havia sido dirigida pelo pintor e o designer belga Henry Van De Velde (BARROS, 2006).

Lílian Ried Miller Barros, no seu livro *A Cor no Processo Criativo* (2006, p. 54), descreve o ambiente da Bauhaus, assim:

O ensino da cor foi concebido paralelamente ao ensino da forma. A criação desse novo conteúdo didático surge como tentativa de isolar os elementos básicos da composição, procurando oferecer aos alunos as ferramentas para uma linguagem universal. Uma linguagem que servisse aos novos objetivos da vida moderna.

Entre os mais importantes mestres no ensino da cor na Bauhaus estão: Johannes Itten, Paul Klee (Figura 5), Wassily Kandinsky (Figura 6) e Josef Albers (Figura 7), que estudaram as tensões das cores e das formas.



Figura 5: Estudo de Cores, Paul Klee, 1934
Fonte: Imagens do Google



Figura 6: Estudo de Cor: quadrados com círculos concêntricos,
Vassily Kandinsky, 1934
Fonte: Imagens do Google

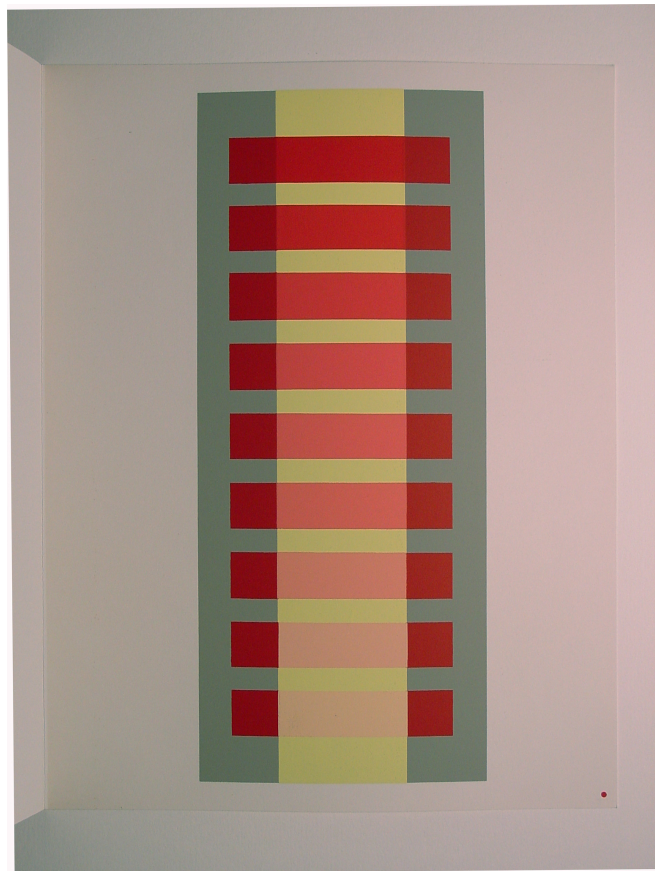


Figura 7: *Interactions of Color*, Josef Albers, 1963
Fonte: Imagens do Google

As pesquisas e estudos entorno da cor sempre envolveram complicadas fórmulas e vêm se revelando um vasto campo de conhecimento, que contempla a física, química, fisiologia e a arte. Sua aplicação atua basicamente no âmbito da arquitetura, artes visuais, design, moda, psicologia, sinalização, teatro e cromoterapia, embora essa aplicação seja bem mais ampla e se estenda também à indústria. As descobertas de Newton, por exemplo, colaboraram para o conhecimento dos princípios atuais da Tecnologia de Imagem Digital (GOLDMAN, 1964, p.20).

A aplicação da teoria das cores apresenta ainda resultados sobre a composição química dos pigmentos, os efeitos óticos, a fisiologia do aparelho visual humano, as questões psicológicas da sua interpretação e assimilação, até os efeitos danosos dos pigmentos no organismo humano.

1.2 CARACTERÍSTICAS DAS CORES

As cores são percebidas através da luz. A luz do sol, aparentemente branca, é, na verdade, composta pelas sete cores do arco-iris. A radiação luminosa proveniente da luz solar, seu fracionamento por um espectro (prisma ou água) torna visível todos os matizes existentes na natureza.

O fenômeno da percepção da cor ocorre quando a luz ilumina um objeto e é absorvida por ele e transmitida à visão do homem, através de cones. Existe no olho humano cerca de seis milhões de cones que percebem a cor através de células. Os Cones são as células do olho humano que tem a capacidade de reconhecer as cores.

Os bastonetes são outro tipo de célula do olho humano e tem a capacidade de reconhecer a luminosidade. Existem aproximadamente 6 milhões em cada olho humano concentrados na região fóvea. A ausência ou deficiência nos cones dá origem ao daltonismo. Os Bastonetes são células fotoreceptoras da retina que conseguem funcionar com níveis de luminosidade baixos. São basicamente

responsáveis pela visão noturna. Têm este nome derivado à sua forma alongada e cilíndrica. São também usados na visão periférica.

O canal de percepção de radiação luminosa é o olho. A primeira função dos olhos é focalizar a luz. Seu funcionamento é como o de uma câmera fotográfica, onde os raios de luz penetram pela córnea, que possui um grande poder de focalização. A íris regula a quantidade de luz que entra nos olhos, aumentando ou diminuindo o tamanho da pupila (abertura central da íris, Figura 8).

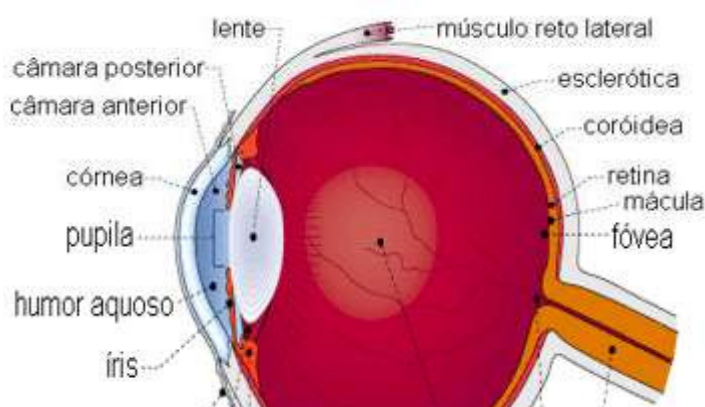


Figura 8: Olho Humano
Fonte: Imagens do Google

A luz então viaja através do cristalino, que faz o ajuste fino na focalização sobre a retina, localizada na parte posterior do olho, atuando como se fosse o filme da câmera. A retina transforma a luz em impulsos elétricos, que são levados pelo nervo óptico até o cérebro.

A retina capta os sinais luminosos e os transforma em impulsos nervosos. O mecanismo da visão, através dos distintos comprimentos de ondas, capta imagens coloridas e o cérebro e a mente interpreta. A percepção da cor ocorre no cérebro através de uma série de efeitos, constituídos por radiações eletromagnéticas.

A *cor* não tem existência material: é apenas sensação produzida por certas organizações nervosas sob a ação da luz - mais precisamente, é a sensação provocada pela ação da luz sobre o órgão da visão. Seu aparecimento está condicionado, portanto, à existência de dois elementos: a *luz* (objeto físico, agindo como estímulo) e o *olho* (aparelho receptor, funcionando como decifrador do fluxo luminoso, decompondo-o ou alterando-o através da função seletora da retina (PEDROSA, 1977).

O cérebro é responsável pela integração dos diversos tipos de sinais recebidos e pela formação da imagem. A imagem é formada pelo contraste entre a luz e a sombra.

Segundo Zajong (1993, *apud* RAMOS, 1996) “Tanto a luz quanto a sombra são de consistências efêmeras, impalpáveis, porém visíveis. Elas formam parte do mundo das cores. A luz é sempre invisível. Nós vemos somente coisas, somente objetos, nunca a luz”.

Na percepção visual se distinguem três características principais que correspondem aos parâmetros básicos da cor, matiz, valor e croma, segundo Pedrosa (2006, p.160):

- Matiz: Valor;
- Luminosidade ou brilho;
- Croma

O matiz ou valor refere à variedade do comprimento de onda da luz direta ou refletida, percebida como vermelho amarelo, azul e demais, resultante das misturas dessas cores. A luminosidade ou brilho serve para medir o grau de intensidade da cor. O croma representa a saturação percebida como intensidade da cor. Quando uma cor apresenta alto índice de cromaticidade é comumente chamada de cor viva.

Assim, a cor engloba dois caracteres: um subjetivo e um objetivo. Dividindo-se também em três grupos distintos:

- cores-luz;
- cores-pigmento opacas;
- cores-pigmento transparentes.

As cores luz são as que se originam de uma fonte luminosa direta. São elas que iluminam os ambientes, como a luz do sol, de uma vela, de uma lâmpada ou de uma descarga elétrica. Sua tríade primária é constituída pelo vermelho, verde, e azul-violeta. Em mistura óptica equilibrada, tomadas duas a duas, essas cores produzem as secundárias (Figura 9).

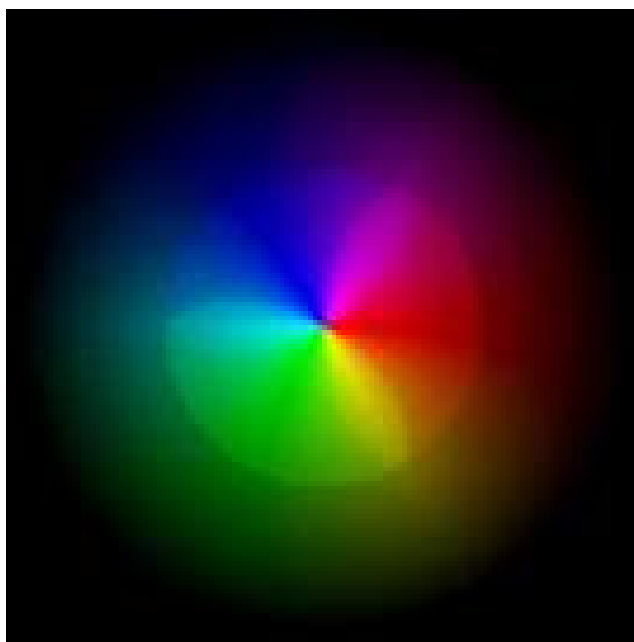


Figura 9: Cores Luz
Fonte: Imagens do Google

O Planeta Terra é constituído por elementos de cores diversificadas, diferenciando-se em cada região por apresentar composições minerais diferente. Cada tipo de mineral tem um pigmento e cor própria. A pele do ser humano também varia de cor e tonalidade, conforme seu biótipo.

Através da extração de pigmentos de elementos da natureza ou da industrialização, o homem pode gerar cores e adicionar a diversos tipos de superfícies. Os pigmentos conferem cor à tinta, conferindo percepção à elas. A indústria e a tecnologia criaram os pigmentos sintéticos e as técnicas de pintura evoluíram. Cores artificiais, elaboradas em laboratórios podem ser tão intensas e belas como as cores naturais que tentam imitar.

As cores-pigmento opacas são as de superfície de determinadas matérias químicas, produzidas pelas propriedades dessas matérias em absorver, refletir ou refratar os raios luminosos incidentes. Sua tríade primária é composta pelo vermelho, amarelo e azul, cores que em mistura proporcional produzem um cinza neutro escuro, ou preto. Esse fenômeno é denominado síntese subtrativa (Figura 10).



Figura 10: Cores Pigmento
Fonte: Imagens do Google

As cores-pigmento transparentes são as de superfície produzidas pela propriedade de alguns corpos luminosos incidentes, por efeitos de absorção, reflexão e transparência, tal como ocorre nas aquarelas, nas películas fotográficas e

nos processos de impressão gráfica em que as imagens são produzidas por retículas e por pontos nos processos computadorizados (Figura 11).

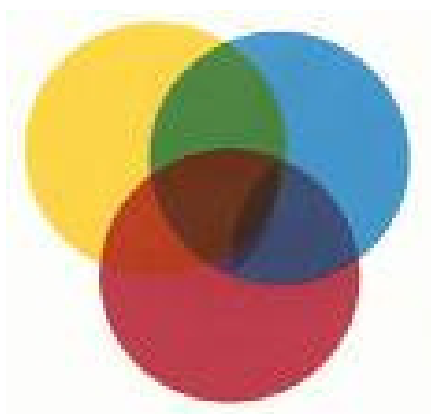


Figura 11: Cores Pigmento Transparentes
Fonte: Imagens do Google

1.3 CLASSIFICAÇÃO DAS CORES

Segundo a composição da suas estruturas as cores são classificadas com as seguintes denominações.

- Cores primárias;
- Cores secundárias;
- Cores terciárias.

As cores primárias são consideradas primitivas e indecomponíveis que, misturadas em proporções variáveis produzem todas as cores do espectro solar, que dão cor a toda natureza. Elas são no âmbito formal da pigmentaria, o amarelo, o azul e o vermelho (Figura 12).

Cores Primárias



Cores Secundárias



Figura 12: Cores Primárias e Secundárias
Fonte: Imagens do Google

Na teoria de Young-Helmholtz (1773-1829) existem três cores primárias na constituição do homem, e não na natureza da luz. Para Young, “a maioria dos fenômenos relacionados à cor deve-se à existência de estímulos de excitação do olho humano, sensíveis à luz que reagem, respectivamente, ao azul violeta, ao verde e ao vermelho-alaranjado.

As secundárias se criam pela mistura equilibrada de duas cores primárias. No aspecto formal pigmentaria elas são o violeta, o verde, e o alaranjado. As terciárias são criadas a partir da mistura equilibrada de quaisquer das cores primárias com as secundárias. Por exemplo o azul-violeta, o amarelo-verde, o vermelho-laranja, etc.

Além dessas classificações acima referidas, existem as cores complementares, frias e quentes.

- Cores complementares;
- Cores quentes;
- Cores frias.

As cores complementares são opostas no disco de cores. A cada cor primária se opõe uma cor secundária, e sempre uma é fria e outra é quente. As cores complementares são ligadas de maneira física, pois os cones dos olhos, ao serem estimulados por uma determinada cor, tendem a "procurar" a sua complementar.

A designação de complementar surge quando uma cor primária é justaposta à secundária, formada pelas outras duas cores primárias. No caso da cor secundária ocorre quando ela é justaposta à cor primária e não entra na sua composição, complementando o espectro solar (Figura 13).

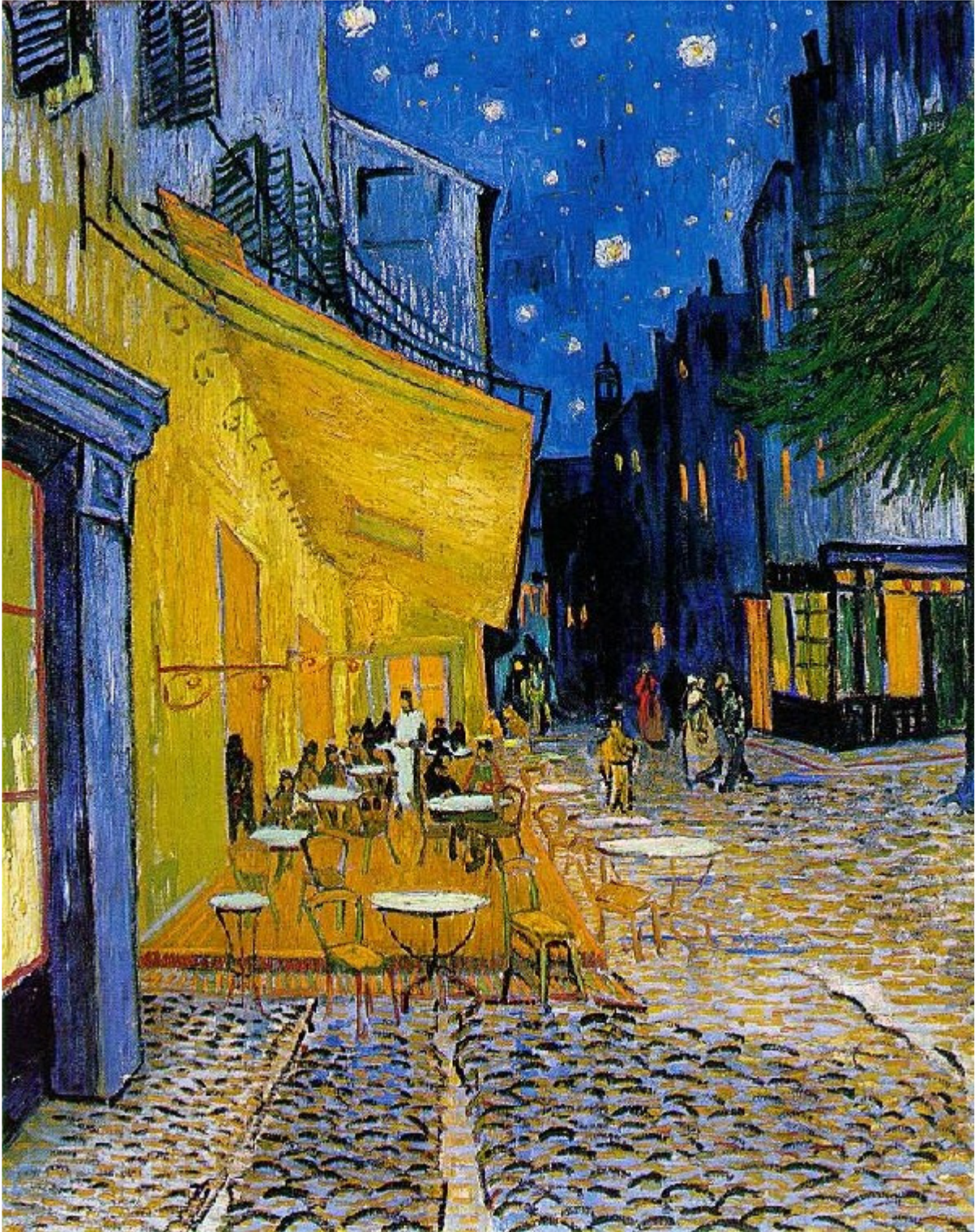


Figura 13: Cafe de Nuit, Vincent Van Gogh
Fonte: Imagens do Google

As cores quentes podem ser identificadas pela predominância de amarelo e vermelho, dando sensação de calor. São consideradas excitantes e sensuais, despertam o calor humano e favorecem a aglomeração, cooperação, transmitem

carinho. As cores frias, opostas as cores quentes, são as cores onde predominam o azul, dando sensação de frio, denotam distanciamento e impessoalidade (figura 14).

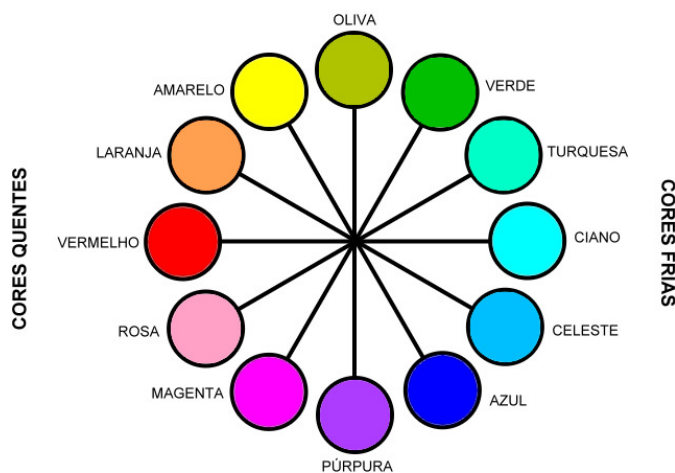


Figura 14: Mapa de cores
Fonte: Fonte: Imagens do Google

Existem ainda as cores análogas. Analogia significa semelhança. As cores análogas são semelhantes em sua composição. Representam a mistura gradativa entre as cores do círculo cromático, um matiz gradativo, um "dégradé" que forma uma escala entre duas cores. Essa variação também é conhecida como matiz e, quando é feita entre uma cor primária e uma secundária que sejam vizinhas no círculo cromático, forma uma escala de cores análogas.

Além da luz solar, o homem moderno criou outras fontes de luz. Mas nada comparável com a beleza colorida da luz incidente sobre os diferentes elementos físicos e químicos da natureza, por efeitos de absorção, dispersão, reflexão e refração, fenômenos que vêm sendo estudados desde a antiguidade por filósofos e artistas.

1.4 PROPRIEDADES PSICOLÓGICAS DA COR

Na visão psicológica, as cores têm um papel subjetivo. Existem três fatores que influenciam e determinam as escolhas de cores, são eles: psicológicos, sociológicos e fisiológicos. Entretanto, não se deve procurar o efeito isolado da cor e sim o conjunto agradável do qual ela participa, pois, em uma organização sensorial nada produz maior prazer do que a percepção cromática.

Age também sobre o nosso subconsciente, e de uma maneira especial a cada sensibilidade, que pode ainda ser alterada por associações de idéias ou recordações mesmo latentes. É assim que, para alguns de entre nós, uma cor associada a recordações felizes vai se manter sem nos percebermos a uma cor alegre. Estudos científicos provaram a influência das cores sobre o comportamento dos indivíduos, a tal ponto que não viria à idéia de ninguém pintar de vermelho um quarto de clínica. É um pouco simples falar de psiquismo a propósito de cada cor, visto que a sua justaposição, ou associação com outras cores, ou com cinzentos, pode modificar essas impressões (BERESNIAK, 1996, p.62).

A descoberta do poder de influência e significados das cores no cotidiano do ser humano vem sendo utilizado através dos tempos para demarcar produtos e até ideologias. Como exemplos: pode-se citar o vermelho, caracterizado como uma cor vibrante, utilizado como símbolo do Império Romano, dos nazistas e comunistas, na intenção de representar paixão pelo movimento.

Na Bandeira Brasileira originalmente a cor verde simboliza a casa de Bragança, da qual fazia parte D. Pedro I, em referência ao estandarte pessoal de D. Pedro II, ao passo que a amarela simbolizava a casa de Habsburgo, da qual fazia parte D. Leopoldina. O losango é um símbolo heráldico ligado ao feminino, reforçando a associação à imperatriz. Contudo, na interpretação popular o verde representa as florestas, o amarelo, os minérios e o azul, o céu (POLIANO, 1986, p. 226).

Por sua expressividade de fácil assimilação, a cor anda lado a lado com a publicidade contribuindo fortemente para a transmissão da mensagem idealizada. A cor tem o poder de captar rápida e emotivamente a atenção do comprador por isso,

a perfeita adequação dela à sua finalidade deve ser precisa. Antes do lançamento de uma marca no mercado é efetuado todo um estudo de formas e cores e da sua apresentação visual deve fazer parte também uma análise da cor de fundo e contraste para que a marca adquira visibilidade na medida em que arte e ciência se alternam quando o assunto é cor.

Nesse sentido, as empresas e o marketing utilizam dessas propriedades para influenciar e criar identidade para alguns produtos. Um bom exemplo de identidade visual é o Mac Donald's; em qualquer lugar do mundo onde estiver sua marca é reconhecida pelo famoso "m" vermelho em forma de arcos.

No campo das artes, o fator mais importante trata de seu caráter efêmero, impalpável. A cor depende da luz e dos nossos olhos para existir. GOETHE (1749-1832), afirmava que "toda cor tem por origem uma luz. A cor é fruto da luz e os tons baixos ou escuros, produtos da sombra". É no contraste entre a luz e a sombra que ela surge. "A própria luz é sempre invisível. Nós vemos somente coisas, somente objetos, nunca a luz, segundo Arthur Zajong (1993 apud RAMOS, 1996).

A luz, como elemento efêmero e impalpável, contribui para fazer emergir e ressaltar as cores e formas dos objetos. Através das cores o artista cria sua simbologia e sua linguagem de comunicação visual, na medida em que da cor nasce a forma. A decodificação é realizada na simbologia emocional, configurada no espaço pictórico e vai provocar as mais diferentes sensações.

Todos olham as cores de modo idêntico, porém, sentem de forma diferente. Segundo Alfredo Bosi, em seu texto *Fenomenologia do olhar* (1990) "o olhar não está isolado, o olhar está enraizado na corporeidade, enquanto sensibilidade e enquanto motricidade". A partir dessa reflexão, pode-se entender que apesar de toda a teoria, o ser humano é complexo e reage influenciado por uma série de fatores.

As cores são capazes de provocar sensações e liberar um leque de possibilidades criativas na imaginação do indivíduo artista ou do expectador da obra

de arte em três ações: a de impressionar a retina, a de provocar uma reação e a de construir uma linguagem própria comunicando uma idéia ou valor.

A partir do primeiro momento, a cor impressiona a visão e exerce forte influência sobre o estado de alma e forma física do indivíduo. Vincent Van Gogh brincou de forma emocional com as cores. Em *Saint-Rémy* ele mudou os tons violentas do verão para cores menos densas, na tentativa de fazer uma pintura mais calma. Reprimindo seu excitamento, conferiu às suas pinturas sensações cromáticas maravilhosas, que projetam cargas emotivas e psicológicas intensas (Figura 15).



Figura 15: The Bedroom in Arles, Saint Remy por Van Gogh, 1889.
Fonte: Imagens do Google